

O DICIONÁRIO PADRÃO DA LÍNGUA

Maria Tereza Camargo BIDERMAN*

RESUMO: Os dicionários unilíngües têm vários tamanhos e formatos. O número de verbetes que contém depende do público a que se destina cada dicionário. O dicionário padrão da língua é um dicionário unilíngüe com 50.000 verbetes aproximadamente, incluindo um acervo léxico substancial, sem constituir, porém, um thesaurus que recolhe todas as palavras do léxico. O dicionário padrão é um instrumento cultural muito importante na sociedade contemporânea. Neste artigo são examinados vários problemas relacionados com a confecção de um dicionário padrão e de dicionários unilíngües: a seleção das entradas lexicais, a compilação do corpus (banco de dados), a redação dos verbetes, a definição lexicográfica. Também se analisa a problemática da polissemia e da homonímia na elaboração do dicionário.

UNITERMOS: Dicionário unilíngüe; dicionário padrão; thesaurus; corpus; banco de dados; palavra-entrada; verbe; lematização; forma canônica; índices verborum; concordância; definição lexicográfica; sinônimo; antônimo; referência cruzada.

I. DICIONÁRIOS UNILÍNGÜES E DICIONÁRIO PADRÃO

O dicionário padrão da língua e os dicionários unilíngües são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas. Existem várias modalidades e vários tamanhos de dicionários unilíngües. O tamanho físico é normalmente função da riqueza do repertório léxico nele incluído. Atualmente o planejamento de dicionários da língua se fundamenta nos resultados de quarenta anos de pesquisas em Estatística Léxica. Esses dicionários unilíngües geralmente se distribuem em algumas categorias, dependendo da sua destinação e do tipo de usuário para o qual ele é planejado, a saber:

- 1) o dicionário infantil e/ou básico com 5.000 verbetes aproximadamente;
- 2) o dicionário escolar e/ou médio contendo 10.000 - 12.000 verbetes, podendo totalizar até 30.000 verbetes;
- 3) o dicionário padrão com uma média de 50.000 verbetes, um pouco mais, um pouco menos;
- 4) os "thesauri" que podem incluir 100.000, 200.000, 500.000 verbetes.

Um dicionário padrão é um instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras e para que eles possam expressar suas idéias e sentimentos com a maior precisão e propriedade possíveis, utilizando o tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma.

O tesouro vocabular se enquadra dentro de um momento histórico da evolução da língua e dentro de uma determinada *norma cultural*. Jean Dubois define assim a norma cultural:

*Departamento de Lingüística - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação - UNESP - 14800 - Araraquara - SP.

“Essa norma não é definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas também por aquela dos enunciados engendrados pelo modelo sociocultural. Os termos não remetem apenas às palavras da língua; eles não são somente objetos da metalingua linguística; eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão de mundo. (...) o dicionário visa tornar-se uma *norma explícita da cultura da comunidade*. A sanção lexicográfica se identifica à sanção pedagógica: aquele que emprega termos não contidos no “tesouro” comum se exclui da comunidade nacional.” (2, p. 99-100)

O dicionário de tipo padrão tende a exercer um papel normativo dentro da comunidade dos falantes. Na sociedade brasileira contemporânea o *Aurélio* vem exercendo essa função há uma década. Se o leitor se reportar à crítica feita ao *Aurélio* no capítulo anterior, verá que o *Aurélio* assumiu o papel de *norma lingüística* em virtude de não existir uma obra de mesmo tipo e melhor elaborada que concorresse com ele, uma vez que toda nação civilizada contemporânea carece desse instrumento cultural. No caso em apreço, até o fato aparentemente secundário de o *Aurélio* constar de um só volume, ao passo que outros dicionários similares do português foram impressos em dois ou mais volumes, é importante. Para o consulente médio é muito mais prático ter sobre a escrivaninha ou na estante um dicionário padrão em um volume. Já não seria tão conveniente consultar dois, três ou quatro volumes. Note-se que o usuário atribui ao dicionário o conhecimento inequívoco da linguagem a fim de dirimir as suas dúvidas. Em outras culturas o papel exercido pelo *Aurélio* no Brasil, é preenchido pelo *Petit Robert* no caso do francês, pelo *Zingarelli*, caso do italiano, pelo *Webster, Longman, Concise Oxford*, caso do mundo de língua inglesa.

O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura. O lexicógrafo descreve ambas — língua e cultura — como um todo pancrônico, embora se situe numa perspectiva sincrônica. Um dicionário é constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um elemento da cultura. A entrada tem como seu eixo básico a definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é que uma perífrase metalingüística da palavra posta como entrada. Essa é a pedra de toque da tarefa lexicográfica, nem sempre executada adequadamente. Nas culturas ocidentais os dicionários têm-se copiado uns aos outros perpetuando erros e inadequações.

Um dicionário padrão (50.000 verbetes) possui um repertório léxico que nenhum usuário jamais utilizará, quer no seu vocabulário ativo, quer no seu vocabulário passivo, mesmo os mais competentes falantes do idioma. Um *thesaurus* (100.000, 200.000 palavras ou mais) inclui necessariamente um grande número de palavras raras, desusadas, obsoletas, outras que são exclusivamente literárias, um grande número de termos técnicos e científicos, de regionalismos e de neologismos.

Alguns exemplos dos tipos de dicionários acima referidos:

1. *Dictionnaire du vocabulaire essentiel* (les 5.000 mots fondamentaux.) George Matore. Paris, Larousse, 1963.

Nouveau Larousse des débutantes. René Lagane et alii. Paris, Larousse, 1977. (16.000 aproximadamente).

2. *Macmillan Dictionary for Children*. New York, Macmillan, 1975.

Children's Dictionary. An American Heritage Dictionary. New York, Houghton Mifflin, 1979.

Esses dois dicionários da língua inglesa destinam-se a escolares de 9 a 15 anos.

Oxford Intermediate Dictionary (J.A. Augarde). Oxford University Press, 1982 (12.000 palavras). Destina-se a escolares de 10 a 15 anos.

Micro Robert (dictionnaire du français primordial). Paris, S.N.L. Le Robert, 1979 (30.000 verbetes).

3) *Dicionário da Língua Portuguesa* (Antônio de Morais Silva). Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1813 (40.000 verbetes aproximadamente).

The Concise Oxford Dictionary of Current Words. Oxford University Press (40.000 palavras aproximadamente).

Longman Dictionary of Contemporary English. London, Longman Group Limited, 1978 (55.000 entradas).

4) Na categoria de *thesaurus* podem ser incluídos desde os pequenos “tesouros” léxicos até os magnos “tesouros”, isto é, os de 100.000 até 500.000 verbetes, a saber:

Vocabolario della lingua italiana. (N.Zingarelli). Milão, Stampa OFSA, 1970. (106.152 entradas).

The Oxford English Dictionary. Oxford University Press, 1933. (414.825 palavras).

The American Heritage Dictionary of English Language. New York, American Heritage Publishing Company & Houghton Mifflin Company, 1970 (155.000 entradas).

Webster's New International Dictionary 3rd. ed., 1964. (450.000 verbetes).

Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975 (mais de 100.000 verbetes).

Grand Larousse de la langue française. (Guibert et alii). (7 volumes).

Dictionnaire de la langue française du 19ème. et du 20.ème siècle Paris, Klincksieck. (15 volumes planejados com aproximadamente 500.000 entradas; 8 já publicados).

O tamanho físico do dicionário, seu tipo de impressão, a existência ou não de ilustração, o seu custo dependerão dos objetivos do dicionário. Além do significado, o dicionário deve responder às dúvidas do consultante sobre a sintaxe das palavras, tais como: regência preposicional, combinações possíveis ou inaceitáveis; deve fornecer ainda informações adicionais sobre a forma do vocábulo-entrada e o paradigma de que ele eventualmente faça parte.

II. A CONFECÇÃO DE UM DICIONÁRIO

Na elaboração de um dicionário padrão e/ou *thesaurus* a equipe de dicionaristas deverá possuir certas qualidades e virtudes e operar segundo procedimentos hoje padronizados. Os lexicógrafos devem conhecer muito bem a sua língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso de idioma de longa tradição cultural como é o caso do português. Devem conhecer igualmente variantes faladas da língua. E devem saber que vão executar uma tarefa científica e cultural que se assemelha muito ao labor dos monges na Idade Média, os quais se aplicavam dedicada e apaixonadamente à cópia de manuscritos e/ou traduções de textos clássicos e científicos de outras línguas, ritualmente, dia após dia, durante toda a sua vida. O dicionarista precisa ser como esse monge. Descrito o perfil do nosso cientista, vejamos como os lexicógrafos devem executar a sua missão.

Um dicionário deve fundamentar-se na recolha de dados léxicos e lingüísticos para a constituição de um corpus representativo da língua escrita e falada. Esse corpus funcionará como fonte de informações sobre o léxico, além de fornecer as abonações dos significados, dos usos e das construções das palavras-entrada do dicionário. Para a elaboração desse arquivo ou banco de dados léxicos, deve-se considerar um período de tempo que represente uma etapa da evolução da língua em que ela possa ser considerada relativamente uniforme. Um corte sincrônico pode recobrir o espaço de uma geração, ou seja, uns trinta anos. O banco de dados precisa incluir todas as variantes escri-

tas da língua e não apenas a linguagem literária. Farão, pois, parte desse arquivo: textos literários, jornalísticos (jornais e revistas), textos técnicos e científicos de todas as áreas do conhecimento humano. Dada a importância dos meios de comunicação de massa no mundo contemporâneo, sobretudo da televisão, é preciso coligir também material da linguagem coloquial dos vários meios de comunicação de massa. O volume de palavras e textos dependerá do tamanho do dicionário que se projeta. Certamente, porém, alguns milhões de ocorrências de palavras (5 milhões no mínimo) distribuídas equitativamente entre as várias modalidades de linguagem e de áreas do conhecimento. O banco de dados será processado no computador e aí armazenado. Dele se extrairão dois produtos básicos para a confecção do dicionário:

1) *indices verborum*: as palavras recolhidas serão ordenadas hierarquicamente em ordem decrescente de frequência (das mais frequentes às menos frequentes). É importante que se obtenha outros parâmetros estatísticos sobre as palavras, além da frequência, tais como a distribuição e/ou dispersão nos vários *subcorpora* que compuseram o banco de dados.

2) Uma concordância das palavras em contexto, ou seja, todas as palavras estarão agrupadas em blocos nos quais a mesma palavra-chave aparecerá em todos os diferentes contextos em que ela ocorreu.

De posse desses dois instrumentos básicos de referência, os dicionaristas poderão iniciar a primeira etapa da confecção do dicionário: a seleção das palavras que constituirão a nomenclatura do dicionário. O índice de frequência baliza os limites de cada tipo de dicionário. Assim, um dicionário infantil e/ou básico só deve conter as 4.000 ou 5.000 palavras mais frequentes do idioma, seja qual for o gênero escrito, seja qual for a variedade de língua. Um dicionário escolar provavelmente incluirá as palavras com frequência igual ou superior a 20 se o corpus for de 5 milhões de palavras, podendo incluir palavras dos “ranking” 10 a 20. Dificilmente incluirá palavras que ocorreram menos de cinco vezes no corpus. Já um dicionário padrão poderá incluir palavras com frequência igual ou superior a 5; em princípio, porém, não deve incluir os “happax legomena”, isto é, as palavras que ocorreram apenas uma vez no corpus. Esses vocábulos são geralmente palavras raras, exclusivamente literárias, obsoletas e deverão ser incluídas apenas num dicionário tipo *thesaurus*.

Selecionadas as 5.000, as 10.000, as 50.000, as 100.000 palavras-entrada que comporão o repertório léxico do dicionário, os lexicógrafos passarão a selecionar, nas concordâncias de textos, os contextos que servirão para abonar os significados, as construções e os usos a serem registrados. Nesse trabalho de seleção deve-se escolher os contextos ideais sob vários aspectos: a) os que melhor explicitam o sentido, uso ou construção que se quer descrever; b) os que efetivamente representam uma boa linguagem; c) os que documentam os diferentes registros lingüísticos, os vários níveis de linguagem. Seria ideal que essa seleção pudesse ser feita em um terminal de computador e que a máquina fosse programada para só registrar, num local de fácil acesso do no banco de dados, os contextos que se pretende usar. Assim quando o lexicógrafo pedisse ao computador os dados contextuais das concordâncias para o seu trabalho de redação dos verbetes não seria submergido por uma avalanche de papel impresso fornecido pela máquina.

III. REDAÇÃO DOS VERBETES

Na etapa de redação dos verbetes o coordenador da equipe de lexicógrafos deve discutir com os dicionaristas as normas a serem seguidas, pôr por escrito esses princípios e fornecer a cada membro da equipe uma cópia das mesmas.

Alguns modelos de verbete são tradicionais e se impõem. Distinguem-se totalmente as palavras de significação plena (substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios) das palavras instrumentais (artigos, preposições, conjunções, pronomes etc.).

Todo verbete tem um formato típico: após a palavra-entrada na sua forma canônica ou lema, vem a indicação da categorização léxico-gramatical da mesma. Segue-se uma paráfrase do significado, ou das várias acepções de sentido no caso de palavras polissêmicas; ou ainda as construções e/ou usos, no caso de palavras instrumentais. A seguir, vêm outras informações gramaticais sobre a palavra-entrada do tipo: plural irregular, formas verbais irregulares etc. Nas línguas que têm uma complexa morfologia verbal e pronominal, como é o caso do português e de outros idiomas românicos, costuma-se incluir quadros paradigmáticos dos modelos de conjugação verbal e declinação pronominal no início do dicionário e depois, no interior do verbete, se remete a esses modelos. Fornecem-se também informações sobre a pronúncia e especificidades fônicas da palavra (p.ex. *poço*: no sing. o 1.º *o* é vogal fechada enquanto no pl. esse *o* é aberto; *poça*: pronuncia-se o 1.º *o* como vogal aberta). Esse tipo de informação é particularmente importante no caso de um idioma em que a língua escrita se distanciou muito da língua falada como ocorre com o inglês. Enfim, é útil cruzar referências entre si. Assim, por exemplo, aponta-se para vocábulos que compõem o campo léxico da palavra-entrada, fornecendo-se um esquema da sua rede de significações, tanto dos lemas de sentido próximo — os sinônimos — como das palavras de significado oposto — os antônimos.

Alguns itens lexicais são problemáticos com relação à forma. Às vezes o lexicógrafo se pergunta se uma combinação de duas ou mais palavras é um sintagma lexicalizado — uma lexia complexa — ou se é necessário segmentá-la em duas ou mais unidades léxicas. Nesse caso convém aplicar os testes de substituição e de inserção de palavras para decidir sobre o grau de lexicalização da seqüência de itens lexicais.

“1.º) Teste de substituição

Em seqüências como as saudações *bom dia* ou *boa noite* não podemos substituir o primeiro vocábulo por um outro adjetivo mais ou menos sinônimo, dizendo: *ótimo dia* e *ótima noite*, por exemplo. Por conseguinte, tudo leva a crer que *bom dia* e *boa noite* já estejam lexicalizados como lexemas.

2.º) Teste de inserção

Numa seqüência como *dor de cabeça* não diremos *dor* “terrível” *de cabeça*, mas “terrível” *dor de cabeça*, ou *dor de cabeça* “terrível”. Também não se diria *capa* “bonita” *de chuva* mas *capa de chuva* “bonita”. Tampouco se poderia inserir um advérbio em meio aos constituintes de *mercado negro*, resultando: *mercado* “muito” *negro*. Portanto, o teste de inserção demonstra que estão lexicalizados: *dor de cabeça*, *capa de chuva* e *mercado negro*.

Deve-se notar também que, nas lexias complexas já lexicalizadas, não mais ocorrem o artigo, a preposição e outros vocábulos-morfema. Assim em *de cor* já de há muito ocorreu a elipse do artigo, assim em *à medida que*, a elipse da preposição (em). Exemplos similares do inglês: *at hand*, *by heart*, *by hook or by crook*.

Entretanto, em virtude da inconsistência do código escrito, seremos obrigados a chamar de *lexias complexas* vocábulos como *bom dia*, *capa de chuva*, *dor de cabeça*, *mercado negro*, embora as alistemos como unidades categorizadas em língua e devamos colocá-las como legítimas entradas de dicionário. O termo *lexia simples* será, pois, reservado para as unidades que são grafadas como um único segmento.” (1, p. 133).

Também convém consultar o sentimento lingüístico de lexicógrafos, de outros lingüistas e até mesmo de falantes não especialistas. Ainda que se conclua em favor da segmentação da seqüência de palavras, o dicionarista deve incluir os sintagmas com forte tendência à lexicalização como subentradas no fim do verbete. Cf.

Em *cabeça*.
cabeça dura/ cabeça de vento/ andar de cabeça erguida/ levar na cabeça/ perder a cabeça

Em *passar*.
passar a limpo/ passar bem/ passar dos limites/ passar para trás.

Expressões idiomáticas deverão ser incluídas em um dicionário padrão sobretudo se são usadas com freqüência. É evidente que só um dicionário tipo *thesaurus* poderá registrar todos os sintagmas com forte grau de coesão lexical.

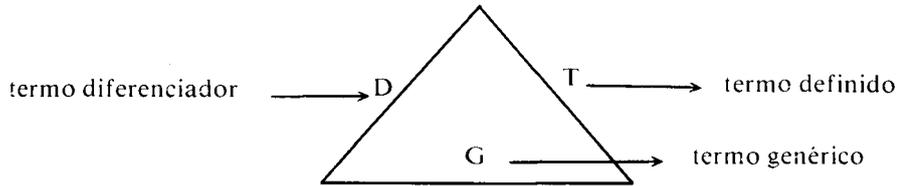
IV. A DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

Num dicionário unilingüe qualquer um problema fundamental é a definição da palavra-entrada. A definição de um vocábulo vem a ser uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. Essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escoreita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito freqüentes na língua, preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário básico. Tal precaução garantiria, em princípio, a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece. A técnica de utilizar um vocábulo básico da língua na elaboração dos verbetes foi utilizada com muita competência lexicográfica pelos autores do *Longman Dictionary of Contemporary English* (1978). Eles estabeleceram uma lista de 2.000 palavras aproximadamente, que foi selecionada com base em numerosas listas de freqüência e trabalhos pedagógicos sobre o inglês. Também foi elaborado um conjunto rigoroso de normas a fim de garantir que apenas os significados mais básicos dessas 2.000 palavras e seus derivados facilmente compreensíveis fossem utilizados pelos redatores do dicionário. Esse repertório de 2.000 palavras foi colocado em um programa de computador. A máquina recebeu instruções adicionais de controle para verificar cada palavra incluída nas definições dos verbetes e rejeitar qualquer vocábulo que não constasse do vocabulário em questão.

A definição de uma palavra-entrada — definição lexicográfica — não se confunde com a definição lógica. Em princípio, a definição lógica só é aplicável à classe dos substantivos. Às vezes, os verbos são definíveis de modo semelhante, mas não as demais classes de palavras.

“A definição lexicográfica e a definição lógica se recobrem até certo ponto, mas apresentam diferenças notáveis. Provavelmente a mais importante delas está em que, enquanto a definição lógica tem de identificar de modo inequívoco o objeto definido (*definiendum*) de tal modo que ele deva, por um lado, contrastar radicalmente com todos os outros objetos susceptíveis de definição, e por outro lado, caracterizar-se de modo positivo e inequívoco como membro da classe mais próxima, a definição lexicográfica enumera os mais importantes traços semânticos da unidade léxica que bastem para distingui-la das outras unidades.” (4, p 53-54).

Na introdução do seu dicionário (*Diccionario de uso del español* p. XV) Maria Moliner propõe um “triângulo definidor” da técnica da definição lexicográfica:

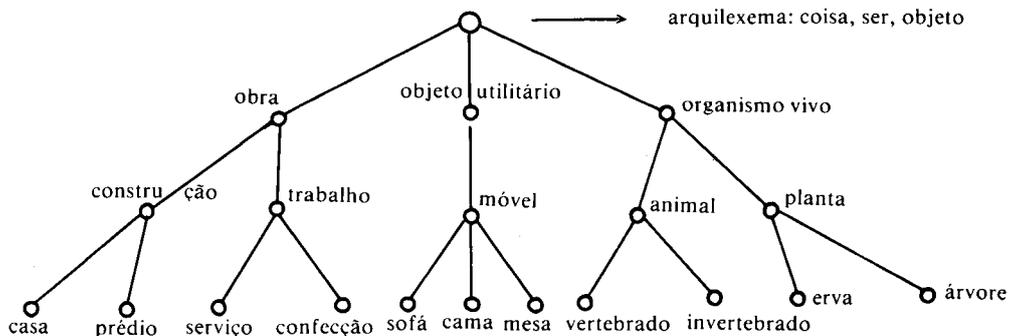


(a figura gráfica é minha)

“Uma definição é uma relação estabelecida entre três termos: termo definido (T), termo genérico (G), que é o conceito de conteúdo mais amplo em que aquele está compreendido, e termo diferenciador (D), que limita a extensão do termo G para que convenha exatamente a T.... As relações entre eles, quanto à sua extensão, são como segue: $G > T$; $G > D$; $D = T$. A maior extensão de G com respeito a T, significa que todos os indivíduos abarcados pelo conceito T estão incluídos no conceito G e este compreende também outros; a maior extensão de G com respeito a D, significa que D é aplicável como predicado somente a uma parte dos indivíduos compreendidos em G; do mesmo modo, a igualdade da extensão entre T e D significa que D é aplicável como predicado a todos os indivíduos abarcados pelo conceito T e, dentro do gênero G, somente a eles.” (3, p. XV) Por exemplo:

cravo:

A estruturação das redes léxicas de significação é ascendente: parte-se do genérico, do mais básico para diferenciações progressivas e cada vez mais específicas. Moliner propõe uma estrutura e organização que ela chama de “cone léxico” que teria mais ou menos esta forma:



Nota: o meu desenho apenas imita o da autora adaptando-o grosseiramente ao português. Aliás, não existe simetria no gráfico de M. Moliner como aqui está. No meu desenho cada bolinha representa um lexema.

A figura sugere que se parte dos arquilexemas, ou termos super-ordenados, para os lexemas mais e mais específicos e diferentes.

Na prática lexicográfica alguns modelos básicos de redação de verbete têm sido usados tradicionalmente. Como a natureza dos signos lingüísticos expressos pelas palavras é muito diversa, não se pode trabalhar apenas com um formato de verbete. Os modelos de verbete serão discutidos a seguir.

1.º) Quando o referente designado é um elemento concreto do mundo físico, ou do universo cultural, para que o consulente o conheça ou identifique, o melhor procedimento é a sua descrição, acompanhada de uma imagem do próprio referente. Convém que essa imagem seja colorida para que se possa formular uma idéia aproximada do referente no mundo real. Em muitos casos o *designatum* — cf. exemplos abaixo: *paineira*, *jaguarica* — designa um ser que possui entre suas características distintivas básicas a cor. Pode-se acrescentar os usos, utilidades e destinação do signo referido, o que sempre acrescenta dados complementares sobre o objeto, pois nesses casos temos elementos da cultura ou do mundo físico. Assim os nomes de plantas, flores, frutas, animais, instrumentos, utensílios, etc. têm na definição ostensiva o seu tipo ideal.

paineira = árvore de tamanho grande que dá flores coloridas grandes de cor rosa escuro. Produz a paina, muito usada na confecção doméstica de travesseiros e colchões.

jaguarica = animal semelhante ao gato, de pelo malhado em tons diversos de marrom; é carnívoro e vive nas matas do Brasil.

campina = campo extenso, sem árvores e com vegetação rasteira.

iceberg = grande bloco de gelo flutuante, que se destacou de uma geleira polar.

Vejamos exemplos do universo cultural:

Iemanjá = personagem do folclore religioso brasileiro considerada como uma divindade do mar.

paisagista = pessoa que desenha ou planeja jardins e paisagens que depois serão executados artificialmente.

Na definição de substantivos o dicionarista se serve de conceitos básicos, expressos por palavras de sentido geral como: *árvore*, *animal*, *campo*, *pessoa*, *personagem*, *objeto*, *aparelho*, *instrumento* quando se trata da nomeação de seres concretos e de termos também gerais, mas de significado abstrato como *ação*, *ato*, *estado*, *qualidade*, *fato*, *resultado* quando estiver definindo nomes abstratos.

2.º) No caso de um conceito abstrato, o melhor método é o da definição lógica. Já existem alguns modelos padronizados para esses conceitos na lexicografia ocidental. Por exemplo:

abafamento = estado em que se tem dificuldade de respirar porque o ar parece pesado e se tem a sensação de falta de ar e calor.

abastecimento = ação ou fato de prover/com aquilo que é necessário.

erradicação = ação ou resultado de eliminar pela raiz, isto é, totalmente.

lealdade = qualidade daquele que é sincero e honesto em que se pode confiar.

Os verbos se definem, via de regra, através de outro verbo de significação mais geral como em:

abater = 1. derrubar, pôr abaixo no chão.

2. Derrubar com um golpe mortal, matando.

padronizar = estabelecer um modelo que deve ser imitado e/ou reproduzido.

Os adjetivos são definidos através de uma oração adjetiva.

cotidiano = que é de todos os dias; que é diário.

excitado = que tem atividade mental muito viva e acima do comum.

perecível = que pode estragar-se facilmente (falando de alimentos).

3.º) Outro tipo de definição é aquela em que se inclui o signo seu *genus* e, a seguir, se explicita a *differentia*. Serve freqüentemente para adjetivos que exprimem conceitos primários (primitivos léxicos). Ex.:

azul = uma das cores primárias; a cor do céu, do mar, da água das piscinas.

vermelho = uma das cores do espectro solar; a cor do sangue.

Os primitivos léxicos são de definição lógica muito difícil. Na verdade o lexicógrafo supõe que o falante já possui, no seu repertório léxico, o conhecimento e o domínio do uso desses primitivos. De fato, eles se incluem entre as 2.000 palavras que um indivíduo aprende na sua primeira infância; portanto, quando adolescente ou quando adulto vier a ser um eventual consultante de um dicionário, já deverá ter perfeito domínio dos primitivos léxicos. O lexicógrafo considera, pois, esses primitivos léxicos como axiomáticos.

4.º) As palavras instrumentais como preposições, conjunções, artigos, vários pronomes e advérbios exigem um modelo de definição bem diferente. Preposições e conjunções e outras palavras gramaticais são instrumentos de articulação do discurso; portanto, não só não se referem ao universo físico ou cultural do falante, como também são signos meramente lingüísticos. Assim sendo, a única forma de defini-los é situá-los em um contexto lingüístico, mostrando quais são os usos (às vezes muitos) que a língua faz deles. Sendo algumas dessas palavras aquelas que maior número de ocorrências apresentam em qualquer texto, conseqüentemente possuem uma enorme versatilidade lingüística. Algumas são verdadeiros coringas: o sistema lingüístico lhes atribui usos variadíssimos. É o caso específico de algumas preposições como *de*, *em*, *a* na língua portuguesa. O dicionarista se confunde então com o gramático, procurando alistar os usos mais freqüentes e mais típicos desse instrumento gramatical para formular o seu verbete. Por outro lado, dependendo da finalidade do dicionário e do tipo de usuário a que se dirige o lexicógrafo, esses verbetes sobre palavras gramaticais deverão ser mais ou menos exaustivos.

É freqüente encontrar-se em dicionários do português e de outras línguas, sinônimos para explicar o significado da palavra entrada, ao invés de uma definição. Muitas vezes o consultante vai conferir o sentido dos sinônimos referidos e os verbetes consultados remetem-no de volta à palavra de que partiu, num autêntico círculo vicioso. Além de secular, a técnica de explicar a palavra através de sinônimo é inevitável por vezes, especialmente no caso de adjetivos e verbos. Contudo, sempre que possível, a definição através de uma paráfrase é melhor.

Também se costuma definir o *definiendum* pelo seu contrário.

desarrumar = desfazer o que estava em ordem, arrumado.

desencanto = perda do encanto.

desfavorável = que não é favorável.

desigual = que não é igual em tamanho, peso, quantidade.

V. POLISSEMIA E HOMONÍMIA

5.1. Os signos lingüísticos polissêmicos acarretam várias dificuldades para o lexicógrafo. No passado muitos dicionários operavam da seguinte forma: indicavam primeiro o significado original, etimológico, alistando, a seguir, os significados subsequentes até os valores semânticos contemporâneos ao dicionarista. Um dos raros exemplos de dicionário com esse formato e executado com maestria é o *Oxford English Dictionary* (o grande *Oxford*). Morais na sua segunda edição (a de 1813) tentou operar desse modo. Na prática é extremamente difícil estabelecer a cronologia das significações, pois seria necessário um aparato lexicográfico do porte do *Trésor de la langue française*, isto é, monumental. Evidentemente só uma profunda e detalhada pesquisa na documentação histórica da língua e um gigantesco banco de dados de todos os períodos do idioma autorizaria os lexicógrafos a estabelecer a escala correta dos significados. Por isso os dicionaristas contemporâneos optaram por um modelo mais exequível e intuitivo, porém mais útil para o consulente do dicionário. Ordenam-se os significados com base na sua maior frequência de uso, ou seja, dos sentidos mais comuns aos menos frequentes. A gradação dos significados é estabelecida considerando-se ainda: 1.º) o sentido mais geral e não marcado deve figurar em primeiro lugar; 2.º) arrolam-se depois os sentidos mais marcados, mais especializados; 3.º) seguem-se os significados específicos ou técnicos; 4.º) indicam-se depois os valores semânticos nas variedades lingüísticas mais restritas (regionalismos); 5.º) por fim, registram-se os sentidos obsoletos no caso dos dicionários de grande porte. A ordem hierárquica, assim estabelecida, depende do bom senso do lexicógrafo e o dicionarista precisa analisar atentamente o leque de significados da palavra polissêmica, procurando captar os traços semânticos que distinguem os vários sentidos de um vocábulo. Os valores semânticos concretos ou primários antecedem os significados metafóricos. Se a palavra tiver dois ou mais sentidos dominantes será preciso numerá-los de forma distinta e clara: usam-se inicialmente algarismos romanos e depois algarismos arábicos, letras ou outros símbolos na hierarquização dos significados.

Veja-se em exemplos do meu *Dicionário Fundamental do Português* a ordenação dos sentidos:

Cabeça s.f.

1. Parte superior do corpo humano e do corpo dos animais.
2. Extremidade de um objeto (met.)
3. Aquilo que apresenta uma forma arredondada como se fosse uma cabeça. (met.)
4. Inflamação que aparece na pele parecendo uma ponta saliente, avermelhada, dura e dolorida (met.)
5. Cada animal que faz parte de um rebanho.

Fenômeno s.m.

1. Modificação operada nos corpos por ação de agentes físicos ou químicos.
2. Tudo o que é percebido pelos sentidos ou pela consciência.
3. Fato de natureza social ou moral.
4. O que é raro ou surpreendente, que causa admiração.
5. Pessoa que se distingue por um talento extraordinário.

Puxar v.

1. Atrair para perto de si arrastando.
2. Arrastar atrás de si.
3. Fazer força para tirar.

4. Provocar um assunto (ling. col.)

5. Sair semelhante a (ling. col.).

Queimar v.

1. Consumir pelo fogo.

2. Atear fogo a; fazer consumir pelo fogo.

3. Tornar escuro, bronzeado pela ação do sol.

4. Fazer ficar seco e morto.

5. Dar a sensação de calor quase insuportável no contacto com a pele.

6. Destruir pelo gelo ou pela geada.

Um exemplo muito simples para evidenciar uma discriminação muito freqüente no halo de significação que envolve as palavras: a oposição entre um sentido que se pode considerar básico e um valor semântico translato, metafórico:

Fecho s.m.

1. Instrumento ou dispositivo que serve para fechar alguma coisa.

2. Conclusão, encerramento de alguma coisa (met.).

Vamos considerar agora exemplos de outras línguas e de outros dicionários tipo padrão. No *Diccionario de uso del español* (1975) de Maria Moliner conferir a ordenação dos significados nas duas palavras-entrada citadas a seguir:

Realidad (fem.)

1. Cualidad de real; hecho de existir.

2. El mundo real. Lo que existe.

3. Por oposición a lo ilusorio o fantástico, lo efectivo y que tiene valor.

4. Verdad. Lo que ocurre verdaderamente, aparte de las apariencias o de lo que podría imaginarse.

5. Verdad, ingenuidad, sinceridad.

Realizar

1. Convertir una cosa, como “sueños, planes” o “ilusiones” en realidad.

• Converter en cosa real.

• Hacer una cosa designada con um nombre de acción.

2. Vender para convertirlos en dinero las fincas o bienes de cualquier clase que se poseen.

Liquidar.

No *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* (1972) de Paul Robert:

Action n.f.

I. 1.° Ce qui fait quelqu'un et par quoi il réalise une intention ou une impulsion.

2.° Fait de produire un effet, manière d'agir.

3.° Absolt. Exercice de la faculté d'agir.

II. Exercice d'un droit en justice.

III. Suite de faits et d'actes constituant le sujet d'une oeuvre dramatique ou narrative.

No *Micro Robert* (1979):

Complet, ète adj.

1.° Auquel ne manque aucun des éléments qui doivent le constituer.

2.° Qui a un ensemble achevé de qualités, de caractères.

3.° (Sens faible: avant ou après le nom). Qui possède tous les caractères de son genre.

4.° Tout à fait réalisé; écoulé.

5.° Avec toutes les parties, tous les éléments qui le composent en fait.

6.° Qui n'a plus de place disponible.

Evidentemente a ordem que se tenta estabelecer é passível de erro, dado o caráter fluido da significação. Tanto no português como em qualquer uma das línguas aqui referidas, o léxico é uma massa nebulosa cujos contornos e limites é praticamente impossível de delimitar com clareza. É inexecutável para um lexicógrafo circunscrever inequivocamente os campos semânticos como um botânico distingue e classifica as espécies de plantas no reino vegetal. Em parte porque os léxicos individuais não coincidem e cada lexicógrafo se reporta ao seu próprio vocabulário na redação dos verbetes. Em parte porque o vocabulário flutua continuamente em virtude da ação da sociedade e dos falantes sobre ele. Como existe uma correlação biunívoca entre o léxico e o mundo em que vivem os homens e como os indivíduos estão perpetuamente transformando o seu universo, esse moto perpétuo se reflete no vocabulário que se altera ininterruptamente.

5.2. Um problema muito diverso mas também complexo para o lexicógrafo é o dos homônimos. No passado a prática mais comum foi distinguir os homônimos dando-lhes entrada diferente no dicionário, caso fossem distintos os étimos de cada palavra. Um exemplo tomado ao *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa* de Vieira (1871-1884):

Pena, s.f. (do lat. *poena*). Castigo, punição.

.....
Pena, s.f. ant. por *Penha*. Nossa Senhora da Pena.

Penna, s.f. (do lat. *penna*). Tubo natural guarnecido de plumagem que reveste o corpo das aves. // Ainda nos tempos contemporâneos as discriminações homonímicas são estabelecidas com base no étimo, sobretudo latino, que é o mais freqüente, especialmente para as línguas românicas. Assim o *Diccionario de la Lengua Española* da Real Academia Española (ed. 1956), usa a mesma oposição do Vieira para os mesmos vocábulos:

Pena (Del lat. *poena*, y éste del gr.) f. Castigo impuesto por autoridad legitima al que ha cometido un delito o falta.

Pena (Del lat. *penna*) f. Cada una de las plumas mayores del ave, que situadas en las extremidades de las alas o en el arranque de la cola, sirven principalmente para dirigir el vuelo.

No *Diccionario de uso del español* de Maria Moliner (1975) conferir os vocábulos:

1. *Real* (Del lat. “regalis”, deriv. de “rex, regis” v. “rey”). De (del) rey, de {de la} reina, de {de los} reyes o de {de la} monarquia.

2. *Real* (Del b. lat. “realis”, deriv. de “res, rei”, cosa, y éste, posiblemente de “reor”, contar — o la inversa — ...) Se aplica, por oposición a imaginario o inexistente, a las cosas que existen o han existido.

Ainda usando o princípio da discriminação etimológica, vejamos outro tipo de exemplo no dicionário de Nicola Zingarelli, *Vocabolario della lingua italiana* (10a. ed., 1971):

Appunto (1) da *appuntare* (2) s.m. 1. Annotazione scritta, rapida e concisa, fatta per ajuto della memmoria.

Appunto (2) o *a punto* lat. *ad pŭnctum* ‘al punto’ avv. proprio

Digitale (1) vc. dotta, lat. *digitāle(m)* ‘relativo al dito’ (*digitus*) agg. Proprio di un dito o delle dita.

Digitale (2) del lat. *digitālis*, per la forma a dito (*lat. digitus*) del fiore. s.f. Planta erbacea.

Digitale (3) ingl. *digital* (relativo al calcolo con elementi numerali (*digit s*, propr. ‘cifre, unità numeriche, dal lat. *digitus* ‘dito (che serve per numerare)’) . agg. Numerico, nei sistemi per il trattamento automatico delle informazioni.

A distinção entre homônimos não precisa ser necessariamente feita através da etimologia. É certo, porém, que a oposição homonímica é resultante, via de regra, da evolução histórica do léxico.

Contudo, sempre que deparamos com vocábulos de forma idêntica mas opostos por seus semas distintivos, devemos atribuir-lhes entradas diferentes no dicionário. Assim, por exemplo, no meu *Dicionário Fundamental do Português* separei *canal*₁ (s.m.) e *canal*₂ (s.m.), *dado* (adj.), *dado*₁ (s.m.) e *dado*₂ (s.m.). Cf.:

*Canal*₁ s.m.

1. Local estreito e comprido para escoar água ou detritos.
2. Passagem construída em um terreno para ligar rios, lagos e rios, mares.
3. Construção semelhante a uma valeta estreita e comprida (v. n.º 1) em que se desvia a água de um rio, ou córrego a fim de fazer irrigação.
4. Qualquer cavidade que dá passagem a gases ou líquidos.

*Canal*₂ s.m.

Qualquer meio físico através do qual podem ser transmitidos sinais de comunicação como, por exemplo, as ondas eletromagnéticas que transmitem sons e imagens para um receptor de televisão.

Dado adj.

1. Que é oferecido como presente.
2. Determinado.
3. Que é amável e simpático com as outras pessoas (ling. fam.).

*Dado*₁ s.m.

Pequeno cubo com que se joga e que apresenta em cada um dos lados pontos que vão do número 1 até o 6.

*Dado*₂ s.m.

1. Elemento ou quantidade conhecida que serve de base para a resolução de um problema.
2. Informação que se põe no computador para ser por ele processado a fim de se obter novas informações (geralmente usado no pl.).

Em casos como os referidos acima no português e no espanhol, é melhor apresentar este formato de entrada separada, ao invés de incluir os homônimos em um único verbete, distinguindo-os depois graficamente através de números. A entrada individual para cada um dos homônimos alertará o consulente para o fato de que se trata de unidades léxicas diferentes da língua.

VI. SINÔNIMOS, ANTÔNIMOS E PARÔNIMOS

No corpo do verbete devem ser indicados os sinônimos quando eles existirem para tornar mais completas as informações sobre o signo lingüístico que constitui a entrada lexical. Será muito útil para o usuário do dicionário que o lexicógrafo forneça os sinônimos da palavra-entrada, distinguindo as nuances dos vários valores semânticos de cada sinônimo. É verdade que não existem duas palavras que se possam considerar totalmente equivalentes, em virtude da riqueza e flexibilidade da língua nos seus diversos matizes de usos afetivos, sociais, técnicos, científicos, gíriáticos, vulgares, etc. Contudo, o conhecimento das relações semânticas entre as palavras possibilitará ao falante ampliar a sua competência vocabular.

O lexicógrafo deve, pois, situar a palavra-entrada dentro da rede de significações de que ela faz parte; assim ele estará explicando simultaneamente o valor dos demais componentes do mesmo campo léxico. A estratégia do contraste tem um enorme efeito

esclarecedor e distintivo para a mente humana. Os vários vocábulos ligados entre si pela significação — sinônimos, antônimos e parônimos — compõem um leque de valores e de empregos diferentes uns dos outros, embora próximos. Esses empregos se originam não apenas no fenômeno da significação em si, mas nas especificações que o uso lingüístico estabelece, correlacionadas com os registros ou níveis de linguagem na maioria das vezes. Assim, por exemplo, os sinônimos de *complexo*: complicado, difícil, confuso. Cf. nos contextos:

- a) A estrutura da matéria é muito *complexa* (registro formal, escrito, científico).
- b) Esta mulher faz as coisas de modo muito *complicado* (registro coloquial).
- c) Este problema da matemática é muito *difícil* para uma criança de dez anos (registro coloquial).
- d) Vinha da sala contígua um ruído *confuso* de vozes, sem que se pudesse distingui-las (registro culto, escrito).

O emprego dos sinônimos grifados nos contextos acima não são, evidentemente, os únicos possíveis. *Complicado* e *difícil* podem aparecer em registro culto e *confuso* em registro coloquial. Trata-se apenas de exemplos para ilustrar a aplicação diferenciada dos sinônimos. De fato, não se usaria nenhum dos sinônimos de *complexo* no enunciado a). Tão pouco se usaria *complexo* na frase d). E ainda que se possa usar *confuso* nos enunciados b) e c), os sentidos serão certamente distintos.

A explicitação da antonímia é também muito útil em um verbete. De fato, há um número expressivo de elementos do léxico que têm estrutura binária, formando pares de contrários. Em decorrência disso, pode-se lançar ainda mais luzes sobre o significado da palavra, situando-a duplamente: 1) no campo semântico de que faz parte (cf. acima); 2) opondo-a ao campo semântico do(s) seu(s) contrário(s). O contraste, feito assim totalmente evidente, atua sobre a mente como se alguém pintasse uma cor qualquer sobre um fundo branco ou preto. Continuando o mesmo exemplo, a rede dos antônimos de *complexo* seria: *simples, fácil, claro*. Colocando-os em contexto, teríamos:

- a) A estrutura da matéria não é *simples*.
- b) Esta mulher faz as coisas de modo muito *simples* (ou *fácil*).
- c) O problema de matemática não era *fácil* para uma criança de dez anos.
- d) Vinha da sala vizinha um som *claro* de vozes, que se podia distinguir bem.

Igualmente os parônimos, ou palavras de forma parecida, ou ainda os cognatos da mesma família de palavras, podem ajudar a compreender melhor o sentido e o valor da palavra-entrada que se consulta. Nesse caso o dicionarista fará referências cruzadas, remetendo o consulente a outros verbetes. Por ex.: em *emigrante* se remete a *imigrante*, em *flagrante* se remete a *fragrante*, em *conserto* se remete a *concerto* e vice-versa. Em *decisão* se remete aos cognatos *decidido, decisivo, indecisão, indeciso*.

A indicação dos registros lingüísticos é muito útil para o consulente do dicionário. Se o falante souber que tal palavra só é usada na linguagem literária, aquela outra apenas no registro coloquial, familiar ou vulgar, ou ainda se o vocábulo é um termo regional ou típico de alguma linguagem especial (direito, botânica, medicina, etc.) essa informação será extremamente valiosa para ele. Se o grau de sofisticação do dicionário for grande ele deverá incluir ainda os termos ou valores desusados e obsoletos. Um dicionário padrão ideal é aquele que dá importância às indicações dos valores semânticos e dos usos lingüísticos característicos de cada nível de linguagem. Quanto mais acurado for o trabalho lexicográfico, tanto mais refinado ele será nesse aspecto.

Enfim, a questão do exemplário de frases e citações que ilustrarão o sentido, a construção ou o uso discriminado pelo dicionarista. Quando o lexicógrafo dispuser de um banco de dados já elaborado em forma de concordância de textos (Cf. item II, A

confeção de um dicionário) o seu trabalho será facilitado, além de ter a chance de ser mais preciso. Nesse caso ele deverá extrair da sua concordância os melhores exemplos, de forma que o contexto citado explicita bem o significado, uso ou construção em epígrafe e também registre o nível de linguagem descrito quando for necessário. Muitas vezes uma passagem muito poética e excepcional literariamente não é adequada como abonação. Pelo contrário, um contexto pouco original mas que ilustre bem a norma lingüística pode ser o mais indicado. Na redação de pequenos dicionários os lexicógrafos geralmente constroem os exemplos de contextos ilustrativos. De fato, como esse tipo de dicionário tem uma finalidade pedagógica, os dicionaristas poderão manipular melhor as informações léxicas se elaborarem eles próprios as frases e contextos que ilustrarão as acepções do verbete. Também nos dicionários maiores como os dicionários padrão, muitas vezes o lexicógrafo precisará construir um exemplo para descrever um significado, uso, construção porque mesmo nos grandes bancos de dados pode não ocorrer um determinado valor lexical.

Convém insistir no fato de que os exemplos devem ilustrar o melhor possível os significados da palavra-entrada e seus usos. Na verdade, a definição, a explicação, a descrição de um conceito só se completam quando postas no contexto do discurso. E assim o dicionário finaliza a sua tarefa de esclarecer, na sua totalidade, um lexema para um falante que o desconhece, ou o conhece imperfeitamente.

O dicionário unilingüe constitui uma das grandes instituições lingüísticas e culturais de uma sociedade, exercendo uma função normativa e prescritiva. Por isso é imprescindível o investimento de grandes recursos humanos, técnicos e econômicos para mantê-lo sempre atualizado e apto a responder às necessidades dos membros da comunidade. Em virtude do afluxo contínuo de termos novos oriundos das aceleradas transformações sociais, culturais, técnicas e científicas no mundo contemporâneo, torna-se indispensável uma freqüente reformulação dos dicionários unilingües. Uma reiterada revisão e atualização sobretudo do dicionário padrão, exige a institucionalização desse processo. Órgãos públicos como o *Institut de la Langue Française* na França ou o *Office de la Langue Française* no Québec (Canadá) parecem preencher idealmente tal função. Podemos lembrar, porém, entidades privadas que institucionalizaram a produção de dicionários unilingües de maneira admirável como a *Oxford University Press* e a empresa *Le Robert*. Todas essas instituições montaram um formidável aparato de equipamentos, recursos documentais e equipes de especialistas, a fim de atualizar continuamente o banco de dados léxicos e lingüísticos e reformular seus dicionários periodicamente.

BIDERMAN, M.T.C. — The pattern dictionary of a language. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.):27-43, 1984.

ABSTRACT: Unilingual dictionaries have several sizes and formats. The number of entries in a dictionary depends on the public to which it is addressed. The pattern dictionary of a language is an unilingual dictionary with 50,000 entries approximately, including a substantial lexical repertoire. It is different from a thesaurus which collects all the words of a lexicon. The pattern dictionary is an important cultural instrument in modern society. In this article several problems related to the making of a pattern dictionary and unilingual dictionaries are examined: the selection of lexical entries, compilation of a corpus (data bank), writing of entries, lexicographical definition. Problems like polysemy and homonymy are also analysed.

KEY-WORDS: Unilingual dictionary; pattern dictionary; thesaurus; corpus; data bank; entry-word; entry; lematization; canonical form; indices verborum; concordance; lexicographical definition; synonym; antonym; cross-reference.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BIDERMAN, M.T.C. — *Teoria lingüística*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
2. DUBOIS, J. — *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris, Larousse, 1971.
3. MOLINER, M. — *Diccionario de uso del español*. Madrid, Gredos, 1975.
4. ZGUSTA, L. — *Manual of lexicography*. The Hague, Mouton, 1971.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AITKEN, A.J. — Historical dictionaries, word frequency, distributions and the computer. *Cahiers de Lexicologie*, 32(1): 28-47, 1978.
- BALDINGER, K. — Semasiologia e onomasiologia. *Alfa*, 9:7-36, 1966.
- BARNHART, C.L. — Plan for a Central Archive for Lexicography in English. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 211: 302-319, 1973.
- BLUTEAU, R., Pe. — *Vocabulário português e latino*. Lisboa, Colégio das Artes da Cia. de Jesus, 1712-1728. 8v., 2 supl.
- CAPPELLI, A. et alii — *Parsing an Italian text with an ATN Parser*. Pisa, Instituto di Linguistica Computazionale, 1978.
- CASARES, J. — *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid, C.S.I.C., 1950.
- COSERIU, E. — Vers une typologie des champs lexicaux. *Cahiers de Lexicologie*, 27(2): 30-51, 1975.
- DELATTE, L. et alii — Le traitement automatique de la langue française au laboratoire d'analyse statistique des langues anciennes. *Revue des Études Anciennes*, 4:1-55, 1977.
- DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA / por/ Real Academia Española. 18.ed. Madrid, Espasa-Calpe, 1956.
- DRETTAS, G. — Les théoriciens allemands du champ. *La Linguistique*, 17(2): 3-22, 1981.
- DUNCAN, J. — *Frequency dictionary of Portuguese words*. Stanford, Stanford University, 1972. (Ph. D. Dissertation)
- FERRARI, G. — Dictionnaire automatique et dictionnaire-machine: une hypothèse. In: COMPUTATIONAL AND MATHEMATICAL LINGUISTICS. PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS, Pisa, 1973. Firenze, Leo S. Olschki Ed., 1977, p. 257-262.
- FERRARI, G. & PRODANOF, I. — Machine dictionary and lexicon. In: INTERNATIONAL LINGUISTIC, Ottawa, 1976. (Comunicação)
- FERREIRA, A.B. de H. — *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- KELLER, H.H. — The American heritage word frequency book (review). *Language Learning*, 25(1): 173-178, 1975.
- LARA, F. — Méthode en lexicographie: valeur et modalité du dictionnaire de machine. *Cahiers de Lexicologie*, 29(2): 103-28, 1976.
- LOGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. London, Logman Group, 1978.
- MC NAUGHT, J. — Terminological data banks: a model for a British linguistics data bank (LDB). *ASLIB Proceedings*, 33(7/8): 297-308, 1981.
- MACHADO, J.P. — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Ed. Confluência, 1956. 2v.
- MARCOS-MARÍN, F. — *Curso de gramática española*. Madrid, Cincel-Kapelsz, 1980.
- MATORÉ, G. — *Histoire des dictionnaires français*. Paris, Larousse, 1968.
- MELO, G.C. de — *Dicionários portugueses*. Rio de Janeiro, S.O.M.E.S., 1947.
- MORAIS SILVA, A. de — *Dicionário da língua portuguesa*. Fac-simile da segunda edição, 1813, photographada pela Revista de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Oficinas de S.A. Littro Typographia Fluminense, 1922. 2v.
- MORAIS SILVA, A. de — *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. rev. por J.P. Machado. Lisboa, Ed. Confluência, 1949-1957. 12v.
- MURAKAWA, C. de AA. — *O primeiro dicionário de língua portuguesa de Antonio de Moraes Silva. Estudo crítico da edição de 1813*. Araraquara, Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Unesp, 1984. (Dissertação de Mestrado)
- NASCENTE, A. — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ª tiragem da 1.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s.d.
- PAIKEDAY, T.M. — Language analysis and lexicography by microcomputer. (Comunicação feita no encontro ADS-MLA, 1981).
- PAIKEDAY, T.M. — *The New York Times everyday dictionary*. New York, Times Book, 1982.

- PORTUGUÊS FUNDAMENTAL. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1984. v.1, Vocabulário e Gramática; T.1, Vocabulário.
- PRODANOF, I — A la recherche d'un modèle de derivation en italien. In: COMPUTATIONAL AND MATHEMATICAL LINGUISTIC. PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS, Pisa, 1973. Firenze, Leo S. Olscki Ed. 1977. p. 297-301.
- RAVEN, I. *et alii* — Lexicography in English. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 211, 1973.
- REY-DEBOVE, J. — Le domaine du dictionnaire. *Langages*, (19):3-34, spt. 1970.
- REY-DEBOVE, J. — Lexique et dictionnaire. In: LE LANGAGE: Les dictionnaires du savoir moderne. Paris, Centre d'Étude et de Promotion de la Lecture, 1973. p. 82-108.
- RICHMAN, B. *et alii* — *The American heritage word frequency book*. New York, Boston American Heritage Publ., Houghton Mifflin, 1971.
- ROBERT, O. — *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, SNL, Dictionnaire Le Robert, 1972.
- SHERMAN, D. — Retrieving lexicography citations from a Computer Archive of Language Materials. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 211:137-142, 1973.
- SHERMAN, D. — Special purpose dictionnaires. *Cahiers de Lexicologie*, 32(1): 82-102, 1978.
- TERMINO GRAMME: Bulletin de la Direction de la terminologie. Québec, Office de la Langue Française, 1979.
- THE OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Oxford, Clarendon Press, 1933.
- VENEZKY, R.L. — Computer applications in lexicography. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 211:287-291, 1973.
- VENEZKY, R.L. — Storage, retrieval and editing of information for a dictionary. *American Documentation*, 19: 71-79, 1968.
- VIEIRA, D. Frei — *Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*. Porto Ed. Ernesto Chardon e Bartholomeu H. de Moraes, 1871.
- VITERBO, J. de S.R. de, Frei — *Elucidario de palavras e frases que em Portugal antigamente se usarão (sic) e que hoje regularmente se ignorarão*. Lisboa, 1778-1799.
- WEINREICH, U. — Lexicographic definition in descriptive semantics. In: HOUSEHOLDER, F.W. & SAPORTA, S., eds. — *Problems in lexicography*. Bloomington, The Hague, Mouton, 1967. p. 25-44.
- WEINREICH, U. — Webster's third: a critique of its semantics (review). *International Journal of American Linguistics*, 30:405-409, 1964.
- WICLOW, C.K. — Advanced English vocabulary. *Language Learning*, 24(1): 167-170.
- ZINGARELLI, N. — *Vocabolario della lingua italiana*. 10. ed. Bologna, Zanichelli, 1971.